

Não se consegue dizer não ao Suplemento

Criada há 45 anos, publicação que nasceu encartada no Minas Gerais, órgão oficial do estado, abriu espaço para importante diálogo entre a tradição e a literatura contemporânea brasileira e latino-americana

André Nigri

Publicação: 27/08/2011 04:00



O escritor argentino Julio Cortázar, em 1973, durante visita a Ouro Preto: %u201CFoi no Suplemento Literário que eu me li pela primeira vez em português%u201D



Roberto Drummond, Murilo Rubião e Luiz Vilela, colegas no ofício de escritor e no Suplemento, em frente à Imprensa Oficial

No texto de Angelo Oswaldo de Araújo Santos para a edição do aniversário de 45 anos do Suplemento Literário de Minas Gerais, o atual prefeito de Ouro Preto se recorda da exportação de “minérios e mineiros” que marcara Belo Horizonte no final dos anos 60 e início da década seguinte. Se é fato que boa parte da safra de talentos culturais decolava do estado para aterrissar no Rio e em São Paulo, o mesmo vale para o próprio Suplemento, que Angelo Oswaldo dirigia aos 23 anos. Durante mais de quatro décadas, resistindo às turbulências, truculências, indiferenças e idiossincrasias dos inquilinos do palácio do governo, o Suplemento foi a plataforma que não apenas tornou possível a articulação de uma geração literária como se mantém até hoje como o principal meio de comunicação entre a cultura de Minas e o mundo. Ainda que os nostálgicos apontem o dedo para dias melhores, o SL persevera em sua vocação de aliar a tradição com a contemporaneidade, naquela combinação tão ao gosto mineiro de misturar o antigo e o novo. Em um tempo como o nosso, no qual a literatura é embalada como mais um produto a ser vendido com uma boa campanha de marketing, sobreviver oferecendo “ouro em pó” de boa qualidade reveste-se de uma missão quase quixotesca. E se o SL não é reconhecido pelo “mercado”, pode-se dizer, para continuar no jargão econômico, que ele tem sido uma das mais importantes commodities da cultura mineira.

Um desses primeiros reconhecimentos valeu uma amizade e uma colaboração que nem o mais desconfiado dos mineiros suspeitava. O SL estava em sua primeira denteição quando, em 1973, Angelo Oswaldo foi a Ouro Preto ciceronear o escritor argentino Julio Cortázar.

O autor de O jogo da amarelinha estava acompanhado da mulher, Ugné Karvelis, e tão logo se deparou com Angelo, que fora recebê-los com Celina Albano, Roberto Drummond e Mauro Santayanna, abriu um sorriso e disse: “Foi nesse caderno (o SL) que eu me li pela primeira vez em português”. O argentino provavelmente se referia a

seu conto “Todos os fogos o fogo”, traduzido por Laís Corrêa de Araújo em 1968. Como naquele mesmo ano Angelo deixaria a direção do SL para uma temporada como bolsista de três anos em Paris, cidade onde Cortázar residia, os dois mantiveram-se amigos até a morte do argentino, na década de 80. A amizade valeu uma incrível colaboração do SL. Em 16 de julho de 1983 – naquela época o SL saía aos sábados encartado no Diário Oficial do Estado –, o tabloide mineiro estampava na capa um poema inédito de Cortázar, “Black out”. No alto da página à esquerda, uma tarja anunciava: “É com este trabalho inédito que Julio Cortázar prestigia a nova fase do SLMG”. Os novos tempos aludiam ao arejamento promovido depois de décadas de mordaza militar quando Tancredo Neves, eleito governador de Minas em 1982, colocou Murilo Rubião – o primeiro secretário do SL – como diretor da Imprensa Oficial, e o contista Duílio Gomes na direção do periódico.

Um ano antes daquele memorável encontro na histórica Ouro Preto, o Suplemento veria em suas páginas a tradução de outro escritor estrangeiro. Segundo o atual superintendente do SL, o escritor Jaime Prado Gouvêa, em 1972 um jovem colaborador, o também escritor Sérgio Sant’Anna, traduzia “A banda policial”, do americano Donald Barthelme. Era o lançamento do autor no Brasil, no que o próprio Jaime também ajudou traduzindo outros textos que foram publicados pela Editora Artenova, hoje relíquia em sebos. Não será surpresa alguma se Barthelme, um gigante do conto americano e autor de cabeceira de Rubem Fonseca, aparecer “como inédito” a qualquer hora por aqui. É da mesma época (1970) a tradução que o escritor e jornalista Humberto Werneck fez do conto “A prodigiosa tarde de Baltazar”, de Gabriel García Márquez. O autor colombiano não era ainda sombra do que viria a se tornar embora tivesse tirado da gráfica havia poucos anos o romance Cem anos de solidão. Mas não saíam só da “cozinha” do SL as traduções de estrangeiros. De São Paulo, chegaram três poemas inéditos de William Carlos Williams traduzidos a seis mãos por Haroldo de Campos, João Cabral de Melo Neto e Joaquim Cardozo. A poeta americana Elizabeth Bishop, que passou boa parte da vida morando no Brasil – entre seus endereços mais famosos consta Ouro Preto –, também mandou seu poema-colaboração.

Na prisão Espelhando de certo modo a ressonância que o SL teve em outros continentes e a peregrinação que Cortázar fez a Ouro Preto, uma das histórias mais exemplares da ponte lançada pela publicação é a do escritor angolano Luandino Vieira. Preso na ilha de Santiago de Cabo Verde por sua militância pela independência de Angola, Luandino foi chamado a ter com o diretor do presídio. O esbirro do jugo colonial português no país africano queria saber quem mandou para ele aquele exemplar de jornal – tratava-se de um número do Suplemento Literário. Como o preso político nada soubesse da encomenda, ainda mais porque o jornal não lhe tinha sido entregue, não soube o que responder. Pouco mais tarde, graças à intervenção de um padre que dava assistência aos enclausurados e que dissera ao diretor nada haver na publicação que contivesse mensagens políticas, caiu nas mãos do escritor e de seus colegas de cárcere o exemplar remetido do Brasil até hoje ninguém sabe por quem.

Naquele número, Luandino leu incrédulo um artigo de Aires da Mata Machado Filho intitulado “O negro e o garimpo em Minas Gerais”. Houve discussões acaloradas, perplexidades e o início de um profundo e cada vez maior desejo de conhecer as tais Minas Gerais. “Ao longo de muitos anos, em algumas vezes que viajei para o Brasil sempre em meu coração ia o desejo de alcançar Minas Gerais. Desconseguiu”, lembrou o angolano em depoimento ao SL de dezembro do ano passado. Um mês antes, durante

a realização do Fórum das Letras de Ouro Preto, o escritor angolano, que nada tinha para ler na miserável prisão da ilha, finalmente conseguiu. Pisou na cidade ao lado da mulher e emocionou o público que encheu o “cineminha” para ouvi-lo. Pisou também na Casa da Ópera para ouvir uma apresentação dos Vissungos, manifestação africana oriunda das antigas colônias portuguesas.

Humberto Werneck, em outro texto publicado na edição comemorativa dos 45 anos do SL, lembra a incredulidade com que a Belo Horizonte de meados da década de 60 recebeu a notícia de que o governo do estado iria lançar um suplemento no Minas Gerais dedicado à cultura mineira. Logo, para espanto de desconfiados e invejosos — dois tipos que não raro se confundem por aqui —, formou-se uma equipe de redatores e colaboradores que não apenas desovaram seus talentos literários nas páginas do tabloide como também se desdobraram falando de outras disciplinas como artes plásticas, música, cinema e teatro.

Parecia impossível. Mais impossível ainda era chegar a praças como Rio e São Paulo e angariar colaborações, seja de mineiros exilados como Carlos Drummond de Andrade e Murilo Mendes, seja de autores consagrados de outros lugares como Haroldo de Campos e João Cabral de Melo Neto. Mais impossível no entanto, e isso talvez nem o mais panglossiano de seus colaboradores poderia prever, fosse imaginar que de outras partes do mundo bafejasse na pequena sala onde funcionava a redação do SL na Avenida Augusto de Lima – hoje a sala continua pequena mas o endereço mudou para a Avenida João Pinheiro, bem próximo dali – colaborações e reconhecimento. A verdade é que ninguém consegue dizer não ao Suplemento.

A velha receita mineira com ingredientes antigos temperados com novidades, aprendida por Murilo Rubião talvez de Mário de Andrade que num remoto ano da década de 20 havia aconselhado o jovem Carlos Drummond de Andrade, que ensaiava publicar a primeira revista moderna de Belo Horizonte (A Revista), a misturar autores antigos e consagrados com as novidades, mostrou o caminho.

André Nigri é jornalista e autor do livro *Se o senhor não tá lembrado...* (Boitempo).